

ACOMPANHAMENTO

Ir. Paulo Dullius, fsc

A forma de atuação de Deus é acompanhamento em amor, transformação no Espírito, e vida de ressuscitado¹

1. Acompanhamento²: O que se pode entender

Uma das características da vida humana é a arte da convivência. De alguma forma os outros estão dentro de nós mesmos. O sucesso da convivência define nosso sentimento de sentido, de auto estima e de valorização. Os fermentos humanos – afetivos, valorização ou não, aceitação ou não - nascem e se desenvolvem principalmente a partir da qualidade dos relacionamentos. As experiências de convivência estendem-se por toda a vida, com características que dependem da idade, da cultura, do contexto circundante. Assim como nós estamos atentos ao que acontece fora de nós, também nós vemos os demais e os avaliamos. Os outros fazem a mesma coisa conosco. Desde cedo somos educados a julgar, a ver, a nos comparar. E também somos avaliados constantemente. Por isso existe uma tendência de observar e nos interessar nos demais. A dinâmica profunda subjacente é aquela antropológica que significa um crescimento no amor, na verdade, no bem. Queremos isso para nós e, em última análise, o desejamos aos demais.

No acompanhamento, a pessoa ou o grupo são os que realizam o itinerário. Aquele que acompanha dá um suporte e se mune de conteúdos e de processos para que a pessoa ou o grupo possam realizar o que se propuseram. Isso quer dizer que nenhum acompanhante pode substituir o acompanhado. Não pode, também, impor sua visão. Sua presença é positiva e é significativa enquanto mantiver e facilitar o itinerário do acompanhante. Pela própria experiência e itinerário realizado o acompanhante pode compreender as facilidades, as dificuldades, os momentos críticos, as forças, as fraquezas, os ideais, o contexto e também os melhores meios de crescimento integral. Quando se trata de um grupo que acompanha, precisa-se de uma estrutura que segue regras bem estabelecidas dentro do contexto.

Todo acompanhamento requer um profundo interesse, amor e respeito pela pessoa ou grupo, por sua causa assumida ou por assumir, pelo fortalecimento de seu ser enquanto processo de crescimento, enquanto itinerário realizado na paz e na alegria. Grande empatia facilita o acompanhamento. Aquele – pessoa ou grupo – que o realizam precisam, de alguma forma, ter realizado já com êxito o seu pró-

¹ Denis Edwards. **How God Acts**, Fortress Press, Minneapolis, 2010, p 51 (God's way is revealed as that of accompaniment in love, transformation in the Spirit, and resurrection life).

² No presente texto tenho presente muitas contribuições de pessoas e de instituições. Os leitores podem facilmente reconhecer a inspiração que vários autores apresentam ao tema, os quais valorizo, mas não citarei diretamente, o que pode ser um limite do texto, mas certamente fará fluir melhor a leitura e compreensão.

prio itinerário. Assim, aquele que acompanha realiza-o com alegria, com amor e zelo. Um bom acompanhamento é resultado de uma vida realizada. Pessoas demasiado frágeis, imaturas, doentes... têm dificuldade de um real acompanhamento. Este profundo cuidado, zelo e interesse pelo bem dos demais transforma o acompanhamento numa experiência humana significativa.

Todos temos experiência de acompanhamento em nossa vida, sobretudo na primeira infância. De alguma forma todos continuamos precisando dele de forma mais intensa em certos momentos da vida e em certas etapas, e em outros momentos mais ameno. É por isso que o conteúdo que envolve acompanhamento convém que seja integrado em nosso cotidiano e não ser interpretado como consequência de imaturidades ou carências, mas antes como algo característico da condição humana. Aquele que acompanha precisa estar movido por um coração cheio de amor, de bem querer, de compreensão, acolhida e misericórdia. É neste sentido que se pode falar em *Cultura de Acompanhamento* para significar esta experiência como verdadeiramente comunitária e fraterna que nos caracteriza. Em outras palavras, o acompanhamento se insere no longo, árduo e perseverante processo de humanização, no sentido mais amplo do termo. Tudo o que colabora numa autêntica humanização envolve algum tipo de acompanhamento. Pessoas mais satisfeitas consigo, com suas escolhas, com sua comunicação, com sua autoestima, com os valores amplos internalizados... estas pessoas tendem a acompanhar mais os outros, sobretudo aos mais frágeis e vulneráveis. Pessoas mais frustradas na vida, mais amargas em sua existência têm mais dificuldade de se decidir a acompanhar. O acompanhamento é um traço de saúde humana tanto para indivíduos quanto para grupos.

2. Aspectos históricos do acompanhamento

O acompanhamento não é uma realidade nova. Ela existe desde que existe a humanidade. Em geral consistia na vigilância, nos conselhos e controles realizados pelos mais idosos sobre os mais jovens. Posteriormente ele foi mais realizado pelas pessoas com poder legítimo sobre seus súditos. Este modelo esteve misturado com controle de dominação, com cuidado objetivo, como direito de orientar decisões. Em épocas nas quais os grupos ou as pessoas estão mais frágeis, até desejam certo tipo de acompanhamento para que sejam mais fáceis o caminho e a orientação da vida. Esta forma de influência e de controle se transformou em muitos casos como sendo um traço cultural, com suas consequências na história das pessoas e dos grupos. Em algumas culturas a questão de gênero se transformou num dos traços dominantes de acompanhamento no que se refere à responsabilidade e também nos métodos usados pelos que o realizam e por aqueles que são destinatários do mesmo.

Os pais acompanham os filhos. Este acompanhamento tem a característica de educação, de iniciação e introdução na sociedade. Através deste gesto querem preservar a tradição, os valores. Querem também facilitar o caminho de crescimento, movidos por um desejo positivo de superação dos obstáculos e o conse-

quente sucesso na vida. Os educadores desempenham o mesmo papel de acompanhamento. Ainda que a tônica se concentre em conteúdos mais intelectuais, a pessoa do educador também tem sua influência nos educandos.

Dependendo das áreas ou aspectos humanos mais valorizados, algumas pessoas assumiram um papel de acompanhante. Mesmo que tenham uma diversidade de expressão, a maioria destas influências tem sido comportamentais e menos motivacionais. Olhava-se o comportamento e, a partir dele, se indicavam os caminhos através de aprovação ou correção. Este esquema, mais tarde, tem se tornado predominantemente moralista. A grande área espiritual concentrou a maioria dos estudos e de práticas de acompanhamento. Apareceu o papel do diretor ou orientador espiritual, as entrevistas de prestação de contas de condutas, as partilhas nas quais se confrontavam modos de ser entre a pessoa e aquele que exercia o papel de acompanhante. Também foram muito desenvolvidas as técnicas e as pessoas que fizeram e fazem da área psíquica o centro do acompanhamento... É admirável o conhecimento que as ciências humanas desenvolveram sobre a pessoa humana, o que abre o leque de possíveis áreas que são objeto de acompanhamento, sobretudo naquilo que representa de novo, de imprevisível. A diversidade de métodos, de visões e de métodos indicam a complexidade desta área psíquica. Os acompanhamentos que incidem na área espiritual e psíquica têm sido, em geral, de um superior a um súdito, de alguém que sabe para alguém que está aprendendo. Também tem sido essencialmente individual, pessoal. Decorreram retiros personalizados e técnicas terapêuticas individuais, todas formas de acompanhamento. Este conceito tem se generalizado desde um passado bastante remoto até os nossos dias.

Hoje tem-se desenvolvido muito o aspecto social decorrente da consciência mais coletiva, da compreensão das dinâmicas grupais e da valorização das interferências sociais nos comportamentos individuais. Também se questionou a capacidade objetiva de superiores saberem a verdade e a vontade de Deus para situações muito complexas pessoais e grupais. Todos manejamos nossa vida dentro de um mundo de limites e de possibilidades. Ao mesmo tempo, capacidades objetivas ligadas ao bem e à verdade podem acontecer em qualquer pessoa e o podem manifestar aos demais tanto em relação a si ou aos outros. Isso não significa uma desvalorização do que aconteceu no passado, mas a isto se precisa acrescentar outros aspectos para que o acompanhamento seja sempre mais efetivo e eficaz. Com esta nova realidade, é preciso abrir mão de uma visão de acompanhamento que vem de uma dimensão de superior para inferior, de indicações de comportamentos, de mentalidades moralistas corretivas, etc., e se precisa caminhar mais na direção de uma compreensão de acompanhamento no sentido mais objetivo da palavra. Como se verá mais abaixo, também se expandem o conteúdo e as áreas de acompanhamento, já não apenas de uma área, especialmente a espiritual, mas será mais antropológica, atingindo a área física, psicológica, profissional, social, espiritual, cultural e outras mais.

Pela realidade passada e atual, pela constituição humana não se pode dispensar acompanhamento. Ele pode ser questionável segundo o método e o conteúdo, mas não se convém existir ou não. É impossível evitar modos de ser e de agir que indicam alguma forma de acompanhamento. O que se precisa aprimorar é a compreensão do mesmo e estendê-lo para além da área espiritual ou psíquica, e também superar a compreensão que delega esta missão para superiores ou pessoas especializadas tão somente. Precisamos, certamente, pessoas especializadas em acompanhamento, mas o acompanhamento não pode ser delegado a elas tão somente. Algo bem positivo consiste também em purificar o conteúdo de aspectos negativos que possivelmente se foram introduzindo ao longo da história, como superar a dependência em favor de uma responsabilidade pessoal e grupal, ou ainda, superar uma visão julgadora para uma de estímulo de crescimento. Será de grande valor voltar à dinâmica antropológica profunda que é saudável e que se orienta para um desejo positivo em relação aos demais, sobretudo quando são frágeis ou se encontram em situações nas quais poderiam agir e viver se ferindo a si mesmas e se distanciando de seu eu mais autêntico, expresso na comunidade.

Hoje, portanto, temos mais condições de realizar um acompanhamento mais saudável, mais misericordioso, mais proativo, mais objetivo. Precisamos do pressuposto da compreensão da pessoa humana mais integral e de uma justa valorização das variáveis intervenientes no comportamento humano.

3. Benefícios

Num mundo bastante marcado pelo individualismo, pela busca compensatória das frustrações passadas pessoais e coletivas, pelo aumento da consciência da liberdade e autonomia, também cresceu a busca da autossuficiência. Não se pode reduzir a realidade às mudanças culturais e históricas. A mudança de paradigma se refere também ao modo pelo qual se elaboram, refletem, decidem aspectos existenciais. A realidade social diversa hoje, a liberação pessoal, social e cultural de formas reprimidas no passado coloca também situações novas que requerem interdependência para facilitar o processo de crescimento e evitar novos ferimentos que nas gerações subsequentes deixam insatisfações, frustrações e tendências compensatórias. Há conteúdos que se inscrevem na realidade humana, para além das oscilações culturais e históricas. Um destes conteúdos é o acompanhamento.

O equilíbrio pessoal e social depende em grande parte da vigilância sobre a realidade, a vigilância sobre a forma pela qual as pessoas e os grupos conseguem, sem exagerado desgaste de energia, viver. Esta vigilância ampla é a forma de acompanhamento. Onde é melhor realizada, mais benefícios pessoas e grupos tiram pelo fato de haver pessoas, grupos, estruturas que acompanham todas as expressões humanas provindas de seu interior e de seu exterior.

Precisamos reconhecer a maravilha de tantas pessoas que fraternalmente acompanharam outros mais frágeis e mesmo estruturas que, sem a mediação de algum tipo de acompanhamento, teriam dificultado a vida humana. Quantos pro-

cessos educativos deixaram suas marcas positivas na humanidade! Um acompanhamento bem realizado beneficia a todos os envolvidos. Quanta gratidão temos a Jesus Cristo por ter acompanhado o povo que acorria a ele, acompanhava os apóstolos em seu processo de passar de meros discípulos a apóstolos; como sua cura (cuidado) se estendeu a tantas situações diferentes a ponto de curar as pessoas; quanto foi importante a presença repetida de São Paulo às comunidades primitivas seja através de sua pessoa, de alguém que delegava e recebia uma ordem para tal, e/ou escrevendo-lhes cartas; como foi importante o acompanhamento de Deus de seu povo, especialmente após a morte e ressurreição de Jesus Cristo enviando o Espírito Santo; como foi significativa a presença da Igreja junto aos mártires, aos missionários, aos pobres, aos doentes, aos necessitados; como é consoladora a ‘comunhão dos santos’, a unidade entre todos os cristãos! **Todos desejamos, de alguma forma, sermos acompanhados, especialmente em momentos ou situações delicadas.** Constatamos também acompanhamentos malsucedidos ou desvirtuados do verdadeiro zelo, cuidado, ajuda. Mas isso não nos pode abalar nem ignorar tanto bem realizado pela presença fraterna, amiga, solidária e com profunda solicitude.

Independentemente do estilo histórico de acompanhamento, precisamos reconhecer os benefícios do mesmo. Isso também se aplica às instituições religiosas. Sabemos o zelo pelo qual os fundadores acompanharam seus primeiros seguidores na fidelidade à obra que é de Deus. Este acompanhamento facilitou a identidade institucional e deu segurança afetiva e espiritual a todos. A fidelidade ao carisma, a contínua dinamização do itinerário pessoal e comunitário são formas pelas quais as instituições descobriram uma forma saudável de acompanhamento.

4. Conteúdos antropológicos como expressão da vida e como tema acompanhamento

Num passado não muito remoto o acompanhamento tinha suas áreas bem definidas. Era inspirado nos ‘sábios’ que cada cultura privilegiou para garantir os processos iniciáticos. Além de garantirem a fidelidade aos tabus, embrenharam-se nos segredos das divindades e os referiram aos seres humanos. Dentro do cristianismo também algumas pessoas se especializaram na compreensão do Evangelho, da vida cristã, e nos desígnios de Deus para cada pessoa e para cada grupo e comunidade. Devido a isso, o acompanhamento tem-se tornado uma forma mais espiritual de vigilância sobre pessoas e grupos. Uma das decorrências desta vigilância espiritual foi o discernimento espiritual. O discernimento é uma forma de acompanhamento. Todos nós sabemos, uns mais outros menos, sobre discernimento e, por isso, este tema pode ser desenvolvido em outro momento. O que convém resguardar é que o discernimento continua sendo um acompanhamento significativo para todos os tempos.

Quando o cuidado e a solicitude forem uma atitude geral, uma predisposição ampla e motivadora do agir, eles vão se abrir a outras áreas da vida humana e não

apenas ou predominantemente à área espiritual e das opções de estado de vida. Os pais concentram seu cuidado no corpo e no afeto da criança. Os educadores já olham mais a aprendizagem, a integração grupal. Diretores espirituais estarão atentos ao itinerário de fé e à fidelidade a Deus. Médicos procuram zelar pela saúde. E assim se poderia continuar esta discriminação, esta distinção.

Se o acompanhamento é uma forma fraterna de presença, um cuidado, uma solicitude... ele precisa ser estendido a qualquer área da vida humana, para qualquer idade ou circunstância. Partindo do princípio que a vida é um itinerário, e neste itinerário a pessoa e os grupos vão se defrontar com situações novas, algumas mais familiares outras menos, algumas mais simples e outras mais complexas e diferentes, segue que todos – pessoas, grupos, instituições – podem beneficiar-se de um acompanhamento para manter e fortalecer a orientação para o bem, para a verdade, para o belo e para o amor.

Um bom acompanhamento incluirá uma diversidade de aspectos humanos. O corpo tem sua dinâmica, suas leis que precisam ser conhecidas, cultivadas, respeitadas, integradas. Também temos o corpo dos outros e os valores sociais ligados a ele. Temos a realidade material que requer integração harmoniosa dentro do projeto geral da vida e da finalidade original pela qual existem.

Nossa constituição humana inclui uma área que podemos chamar, dimensão psíquica. A ela pertencem o afeto, a inteligência e a vontade e a sociabilidade com todas as suas diversas potencialidades. Nosso afeto precisa ser desenvolvido, e de forma ilimitada, mas a serviço do amor. Nossa inteligência tem possibilidades imensas, mas precisa servir ao ser humano para compreender a si, ao outro, a Deus, ao universo, sobretudo nas dimensões ligadas à vida, à comunicação, ao amor, à fé e a Deus. Nossa vontade conclui nossas elaborações afetivas e intelectuais e as transforma em decisões. Decisões melhores são as que favorecem o bem do conjunto da pessoa e dos grupos, que solidifiquem as opções da missão e a fidelidade a promessas realizadas com responsabilidade. Todo processo de socialização, de comunicação, de autoestima e auto respeito é uma aprendizagem que se realiza com possíveis riscos. Os modos desta aprendizagem através de indicação, imitação e identificação são forma de acompanhamento e seu sucesso ou êxito depende da qualidade e da metodologia de quem acompanha e das condições de quem é acompanhado. De alguma forma o acompanhamento tem presente estas dinâmicas das potencialidades e seu desenvolvimento integral na vida pessoal, grupal e institucional.

A dimensão espiritual é uma constituição antropológica. Existe como constituição mas precisa se desenvolver dentro da autenticidade de sua existência. Como se refere ao conjunto da vida, concretizamo-la pelo cultivo da vida, pelos valores transcendentais, pelas opções existenciais, pelas associações de estado de vida, pelo relacionamento com Deus, pelo sentido geral da vida. Como é uma dimensão mais geral, tantos grupos se interessam por ela, especialmente grupos ideológicos e religiosos. Há os que utilizam a religião para libertar a pessoa de

consequências imaturas em qualquer área humana para estar mais livre para servir na gratuidade. As religiões tendem a especificar a vontade de Deus para as pessoas, para os grupos e para as instituições as mais diversas. Todos sabemos a dimensão humana das religiões e de seu esforço de se aproximar do Deus espiritual, aquele que está para além das antropomorfizações de Deus. O itinerário espiritual é um dos mais complexos na vida. Por isso é o que recebeu e recebe atenção especial de acompanhamento.

Qualquer área humana é passível de acompanhamento. Em qualquer área é-se beneficiado com os cuidados e solitudes daqueles que nos rodeiam e nos ajudam no discernimento, nas opções mais saudáveis. O que precisa caracterizar este acompanhamento é o amor casto e respeitoso vivido pela pessoa celibato ou matrimônio; amor casto e respeitoso vivido na pobreza, no uso das realidades materiais próprias (corpo e bens) e dos demais; amor casto e respeitoso vivido no crescimento pessoal, na comunidade, na obediência, nos relacionamentos, no cumprimento da vontade de Deus, na fidelidade ao carisma e à missão, nas dinâmicas sociais e novos sinais dos tempos e do processo de crescimento do mundo. Este cuidado é uma atitude que pode ser temporária ou transformar o tempo como sendo tempo de cuidado.

5. Quem faz o acompanhamento: pessoas, comunidade...

Se num tempo o acompanhamento esteve confiado a algumas pessoas específicas, hoje vamos apoiando a consciência de corresponsabilidade no processo de humanização. E o acompanhamento se transforma numa realidade social. Ninguém pode dizer que ‘não tem nada a ver com seu irmão’, pois de alguma forma interferimos nos demais. Com os conhecimentos que hoje temos do consciente e, sobretudo, do inconsciente, é impossível não ‘entrar’ na vida dos outros. Não é possível fazer uma barreira intransponível. Nossa qualidade de ser e nossas intencionalidades são captadas pelos demais. Não há neutralidade nestes processos humanos: são de qualidade positiva ou podem predispor para regressão e dispersão.

Quem seria o responsável pelo acompanhamento? A resposta não pode ser estreita, mas ampla. Existe uma inter-relação humana constante que, de alguma forma e em alguns casos assume a característica de acompanhamento. O primeiro sujeito do acompanhamento é a própria pessoa em relação a si mesma, a seu projeto existencial, à responsabilidade por seu desenvolvimento, pelo desenvolvimento de suas potencialidades, por seus acertos, por suas opções. O Evangelho recorda que – no caso de um talento, e este enterrado – ninguém pode delegar a sua identidade e responsabilidade a outros. Na parte livre que nos caracteriza, somos nós aqueles que escolhem entre as melhores oportunidades de crescimento, de estima, de respeito, de valorização. Não podemos padronizar formas imaturas que incluem abdicar da responsabilidade a outrem quando cabem a nós. Ninguém pode, com fundamento, culpar o destino ou os outros pela situação atual. Podemos crescer para a liberdade ou para uma menor liberdade, depen-

dendo de opções que tomamos. Cada qual assumiu compromissos em relação a si: a vida, a opção de gênero, o estado de vida, os valores e instituições identitárias. Diante de uma infinidade de alternativas, cada pessoa vive seu projeto e seu itinerário com autonomia e compromisso. Esta vigilância caritativa sobre si mesmo é uma forma muito saudável de acompanhamento.

Assim como assumimos que pais têm maior responsabilidade em relação aos filhos do que os vizinhos, do que estranhos, da mesma maneira, há pessoas significativas, muitas delas com autoridade legítima, às quais são conferidos um 'direito' e um papel de acompanhamento. Historicamente considerando são as pessoas que mais desempenham este papel. Muitas delas se arrogaram o direito de distinguir o certo e o errado, com a imagem de que eles próprios eram os mais perfeitos. Isso levou a desenvolver um grande espírito de observação sobre os demais, e mesmo usar Deus em seus processos interpretativos. Por outro lado, a consciência da responsabilidade a eles confiada, levou-os a aperfeiçoarem-se em observação caridosa, em fazer de seu melhor para que o caminho do acompanhado fosse sem tantos tropeços, mas dentro dos desígnios de Deus. Neste sentido, um confessor acompanha aqueles que recorrem a ele; um superior – diretor, provincial, geral - acompanha aqueles que lhe são confiados; formadores acompanham aqueles estão dentro da instituição e os que estão em processo de entrar; um educador acompanha seus alunos; um médico acompanha um paciente que precisa de cuidados; um terapeuta acompanha as pessoas que recorrem a ele para se conhecerem, aceitarem, despertarem para um novo sentido de vida e acompanha a reeducação e a estruturação de uma vida nova. Muitas vezes um coirmão, amigo acompanha outro coirmão, amigo em aspectos muito diversificados.

Existe um terceiro grupo que faz acompanhamento. Refiro-me aos grupos, à Comunidade, à Província, ao Capítulo Provincial e Geral, à Igreja, aos grupos coetâneos... Ninguém pode lavar suas mãos. **De alguma forma todos somos responsáveis pela fidelidade de pessoas e de grupos.** Todos somos responsáveis pelo anúncio do Evangelho, pela fidelidade ao carisma, pelo crescimento pessoal e comunitário nas várias características antropológicas. Munir-nos de cuidado, zelo e solicitude consiste mais numa presença vigilante, amorosa e misericordiosa, e menos num sistema de controle e de julgamento. A construção de uma autêntica comunidade é uma das melhores formas de acompanhamento, pois todos 'se alegram com os que se alegram, choram com os que choram', assumem o fardo uns dos outros. Tantas compreensões sobre a finalidade da comunidade, dos Capítulos permitem ver a grande responsabilidade de acompanhamento presentes neles.

6. Quem recebe acompanhamento: pessoas, comunidades

Já explicitamos acima que toda pessoa se insere num grupo e lhe compete desenvolver-se a si mesma em outras características próprias do ser humano. Ela também – e os grupos – se inserem num mundo desconhecido, sempre novo. Em sociedades mais tradicionais, esta inserção é bastante simples e bastante previsível, tendendo à uniformidade. Contrariamente, em sociedades menos tradicio-

nais ou em mudanças de época como a nossa, há tanta diferença entre as propostas tradicionais e os desafios atuais e futuros, que a área do desconhecido, do imprevisto aumenta seu leque de horizontes podendo ter seus reflexos no equilíbrio pessoal e institucional. Independentemente da boa intenção e do esforço, as fragilidades podem se manifestar mais, as ansiedades podem aparecer mais e as resultantes regressões, fugas e compensações podem aparecer. Pode até haver uma dificuldade de levar para frente o projeto pessoal ou o do grupo com liberdade e objetividade em curto, em médio e em longo prazos. A multiplicidade de alternativas e certo nivelamento de valores aumenta a complexidade das melhores escolhas pessoais e grupais e comunitárias.

Isso admitido, podemos assumir que a interdependência, a cooperação, a associação, a observação, a compreensão e o aprofundamento de experiências podem ser de grande valia e serem até necessárias para um crescimento saudável sem os desgastes de energia em sistemas de regressão, de dúvida e de incertezas. Todos nós precisamos de alguma forma de acompanhamento porque estamos todos necessitados de alguma bússola como orientação geral ou em alguns momentos ou temas de nossa vida. Em vez de, portanto, pensar que são as crianças, os jovens, os súditos que precisam de acompanhamento, vamos assumindo que ninguém é tão autossuficiente que saiba sempre a vontade de Deus para si e para os demais. Não são os superiores e as estruturas ou comunidades que são dispensados, mas todos precisamos entrar na antropologia do limite, ou seja, no abandono de uma visão perfeccionista grega para assumir a realidade humana. Jesus assumiu a presença no meio das pessoas, e os limites destas são-nos bem conhecidos. A limitação humana não é um mal moral, mas uma condição humana. Dentro do realismo humano todos se beneficiam da corresponsabilidade mútua, garantida a especificidade pessoal e dos grupos.

O princípio comum de acompanhamento é adaptado a cada realidade pessoal, cultural e institucional. Algumas pessoas são mais frágeis e inexperientes frente à vida e o acompanhamento lhes pode ser muito proveitoso. Há os que adquiriram uma dinâmica pessoal de crescimento que já determinam por si processos de acompanhamento. Também há os que se consideram autossuficientes e 'perfeitos' considerando-se dispensados de acompanhamento. As sementes que o semeador semeia e que caem no caminho duro, insensível e impenetrável... é o primeiro obstáculo para um itinerário de crescimento. Há também pessoas e situações sociais e comunitárias que têm fortes características de superficialidade e precisam exageradamente de estímulos externos. Podemos encontrar ainda aqueles que se colocam num contexto social tão diversificado em valores e mesmo não valores e, conseqüentemente, suas boas qualidades e boas intenções não conseguem oferecer uma identidade integral a serviço da causa do Reino. Mesmo a boa semente precisa ser cultivada em um solo que dificilmente se mantém macio, disponível, profundo e isento de obstáculos maiores, sobretudo do contexto e da fantasia e imaginação negativas.

7. O que acompanhar

Qual seria o conteúdo e o método do acompanhamento? Em síntese: a vida humana como empenho humanizante, como vida realizada com e pelos outros, em sociedades justas. Enquanto vida realizada incluem-se a profissão e o ingresso em uma instituição na qual se identificar e onde cada pessoa e grupo encontram para realizar seu projeto de vida. A vida realizada significa também o crescimento para a vida adulta e a integração de todas as características constitutivas de pessoa, partilhado também como compromisso grupal. Nós vivemos com e pelos outros. Toda esta aprendizagem tem surpresas, facilidades e resistências, progressos lentos ou mais rápidos, medos e apoios. Assim mesmo, a ambiguidade social se nos oferece como desafio. O senso de justiça faz superar os próximos conhecidos, para dar direito a todos, mesmo os que não têm rosto, aqueles cuja dignidade precisa ter um mínimo de oportunidade.

Dito isso, e retomando aspectos já citados, o conteúdo ou o objeto do acompanhamento é a pessoa e são os grupos e as instituições naquilo que elas são em três aspectos: o que são como possibilidade e como potencialidade; o que são no presente momento, ou seja, como estão realizando as suas potencialidades; o que elas poderiam ser dentro das possibilidades existenciais. Este último aspecto inclui aquilo que a pessoa e/ou o grupo podem esperar concretamente de si, considerando sua história, seu contexto cultural, suas forças objetivas, seus valores, suas oportunidades de hoje e de amanhã.

Podemos especificar algumas variáveis humanas as quais são objeto de consideração no acompanhamento. Acompanhamos o desenvolvimento físico, a saúde, a valorização do corpo próprio e o dos demais, respeitamos e obedecemos a seu ritmo; evitamos expô-lo a perigos desnecessários e também a pouco exercício; cuidamos de uma sadia alimentação. Estamos também atentos ao desenvolvimento do afeto, às situações que poderiam ferir a autoestima e o auto respeito; cuidamos de sadios relacionamentos com os demais, sejam eles superiores, subalternos, iguais, ou, conhecidos ou não, próximos ou menos próximos. A questão afetiva tem seu processo de equilibrada expressão segundo a idade, o gênero, a cultura. Uma adequada experiência afetiva faz crescer e se abrir mais e mais aos demais. Acompanhamos também um sadio desenvolvimento da inteligência para compreender a si, aos demais, ao mundo. Nossa inteligência tem possibilidades praticamente ilimitadas. Seu desenvolvimento vai depender de oportunidades, de apoio social, de estímulos. Sempre é importante ter acesso a conteúdos bons que promovam a dignidade humana, os valores existenciais, o bem e a verdade. Algo semelhante se pode dizer da vontade: ela precisa ser exercitada para uma responsabilidade e autonomia pessoais. A vontade coroa os processos afetivos e intelectivos. Ela é tema e conteúdo de acompanhamento, evitando infantilismos e dependências ou, então, evitando decisões acima das capacidades para que a ansiedade não tome conta e a pessoa regride a formas mais infantis de vida. O acompanhamento valoriza a capacidade da expressão comunitária da vida, e está aten-

to também aos conteúdos afetivos psíquicos e espirituais presentes nos votos, como a capacidade de viver uma afetividade integrada e oblativa, os vínculos afetivos; como a liberdade frente aos bens e realidades materiais evitando compensações ou transferências projetivas que indiquem falta de liberdade diante deles; como a autonomia, responsabilidade e liberdade diante da vontade de Deus e a consequente capacidade de segui-la.

Outra área de acompanhamento podemos encontrar na expressão do sentido da vida. Entram as expressões espirituais e religiosas. O acompanhamento inclui temas como a fé, a prática espiritual na oração, a sensibilidade de caridade e misericórdia aos mais necessitados. Também considera a forma de viver os ideais, a dimensão de finito, a realidade do mal e da culpa própria e a dos demais; considera a capacidade da compreensão das fragilidades dos demais e os processos de reconciliação e pacificação. A fidelidade ao projeto existencial e ao estado de vida, os facilitadores e obstáculos são conteúdos do cuidado, do zelo, da solicitude, característicos do acompanhamento.

8. Acompanhamento como atitude geral e em situações e momentos específicos

Estamos considerando o acompanhamento como uma atitude de cuidado de todos os envolvidos. É a atitude de zelo, de solicitude, de cuidado, de caridade, de corresponsabilidade uns pelos outros. Em algumas situações específicas, este acompanhamento se transforma numa qualidade mais intensa. Isso pode acontecer em determinadas fases da vida ou em experiências específicas as quais são delicadas e poderiam ocasionar ansiedades e regressões se não houver alguém 'de fora' que ajude a iluminar o momento presente e abra alternativas saudáveis de superação.

Certamente precisamos estruturar o acompanhamento como atitude de nosso dia a dia. Mas, como já dissemos, há momentos um pouco difíceis e surpreendentes na vida da pessoa e ela se beneficia mais com um acompanhamento mais focado, mais orientado a questões bem concretas. Recordemo-lo novamente que aquilo que se fala em relação a pessoas, devidamente adaptado vale também para as comunidades e grupos.

Enquanto desenvolvimento humano, os primeiros tempos de vida – intrauterinos e primeiros anos – se caracterizam por maior dependência do externo em tantos sentidos humanos. E a qualidade do acompanhamento é muito importante. A socialização fora do círculo familiar, do círculo da comunidade local, da pátria e outros, do meio universitário, da entrada na vida religiosa ou matrimonial... são momentos que requerem um acompanhamento devido à complexidade e novidade que se apresentam. Assim também acontece nos processos de exercício da missão em lugares tão diferentes ou no processo de envelhecimento quando se aguçam sentimentos de inutilidade e solidão. Esta realidade inclui a experiência

sobre o próprio físico, a forma das expressões afetivas e a integração de gênero e sexualidade.

A pessoa e os grupos podem se defrontar com situações novas de saúde ou de perda de pessoas próximas e precisam ser ajudadas a elaborar o luto, a separação. Esta mesma experiência de luto se aplica a situações e pessoas que já não estão próximas, a realidades culturais que já não são mais de hoje. Todos os processos de atualização, de readaptação diante de novos contextos sociais e religiosos podem requerer um árduo itinerário de acompanhamento. Algumas vezes as situações do dia a dia podem levar a desânimos, a dúvidas sobre as decisões feitas e precisam de objetivação. Outras vezes o sentido existencial abalado pode levar a crises de fé, de confiança e de dúvida quanto à capacidade de manter a promessa e a responsabilidade frente ao vivido e sustentado. Esta dificuldade pode provir da realidade institucional que perdeu os 'sonhos', as perspectivas, o elã fundacional.

Muitas destas situações podem ter características de surpresas ou podem ser o ponto de chegada de um processo de pequenas infidelidades que, com o tempo, comprometem e questionam o conjunto do projeto de vida assumido. As surpresas são compreendidas dentro da realidade e não podem abalar o conjunto do itinerário pessoal e grupal. **O resultado insatisfatório de um itinerário precisa ser refeito para reencontrar o caminho, e evitar que a situação do momento seja a única variável interveniente para decisões para hoje e amanhã.** O acompanhamento ajuda a iluminar os fatos e as experiências equipando pessoas e grupos com outros aspectos que possam contribuir na superação das dificuldades.

9. Obstáculos ao acompanhamento: infantilização, omissão

O acompanhamento é uma das principais características e responsabilidades da Comunidade. Numa família todos, com as devidas diferenças, acompanham os que dela participam. Basta ver como interfere na família alguém que está gravemente enfermo, está deprimido, é alcoolista, sai de casa e não dá notícias sobre onde e como está, passa por dificuldades ou falece. Muitas dessas dinâmicas decorrem da relação de sangue. Mas são apenas uma das formas de relação e de interesse. Pessoas saudáveis, instituições saudáveis fazem do acompanhamento uma de suas características. Algo semelhante se pode falar da instituição religiosa, da comunidade. Além de cuidados semelhantes aos da família, a comunidade zela pelo clima afetivo, pelas oportunidades profissionais, pelas informações, pela fidelidade ao projeto de Deus para cada um de seus membros. Zela pela qualidade da vida espiritual e do apostolado, pelo perdão, pela consciência da presença amorosa de Deus.

É muito complexo o acompanhamento. E, como tal, inclui possibilidades reais de limitação. Não se pode pedir tudo dos demais nem de si próprio. Haverá imperfeições, mas ao mesmo tempo o acompanhamento quer facilitar o crescimento

integral de todos os envolvidos. Precisa evitar, portanto, dois extremos: infantilismo e omissão.

Por infantilismo se entende uma forma de pensar nos demais como crianças e incapazes de gerir sua vida, precisando sempre de alguém que lhes ajude ou substitua em suas decisões. Tende-se a evitar tensões saudáveis e desafios de crescimento. Para aqueles que coordenam grupos e instituições é mais confortável e conveniente que os demais tenham pouca opinião, pouca crítica, pouca autonomia, pouca responsabilidade e liberdade. Os regimes socialistas sempre mantiveram formas infantis na forma de condução do povo. Por muito tempo, as autoridades na vida religiosa e as estruturas, em grande parte sustentaram esta dependência. Em alguns casos defenderam a obediência como uma virtude quando subjaziam outras motivações. Quando se quer privilegiar um tipo de valor, em geral usam-se duas estratégias: exaltar o valor e a excelência daquilo que se quer – a obediência, no caso aqui – e se desvaloriza ou se criam culpas naqueles que não entram no sistema desejado. Muitas vezes, ao exaltar o lado positivo, usam-se argumentos provindos da tradição, da história, do passado e se mostram exemplos de castigos daqueles que não observaram o padrão de conduta desejado. Sabemos que é difícil encontrar uma pedagogia que delega progressivamente liberdade e autonomia e a pessoa ou grupo conseguir usar esta situação com responsabilidade proporcional à idade e à condição do momento. Os pais sabem que é mais fácil controlar crianças, mas não sabem mais tão bem quando estes crescem para a adolescência, juventude e idade adulta. Na vida religiosa às vezes custa implantar confiança e delegar autonomia adequada às pessoas envolvidas. Muitas vezes há exagerado controle em aspectos secundários em vez de haver estímulos explícitos ao crescimento. Não convém sempre racionalizar dizendo que as pessoas não são capazes. As pessoas crescem na proporção em que fazem experiências boas numa determinada idade e situação de vida, levando-as a olhar alternativas melhores para o futuro. Controles exagerados, julgamentos, pouca autonomia, conceitos de incompetência... tudo pode levar a uma forma infantilizante. Estruturas rígidas, inflexíveis, pouco criativas tendem a dar pouca chance de crescimento. Hoje todos querem participar mais das decisões, querem conhecer melhor as razões das opções, querem ser mais autônomos, mesmo que haja elementos de imaturidade nas motivações destes desejos. Muitas vezes a vida comunitária pode reforçar sistemas de infantilismo. Com o tempo se instaura insatisfação, amargura e falta de sentido na vida.

No lado oposto ao controle que não deixa crescer, podemos verificar a omissão. A omissão parte do pressuposto de que as pessoas sejam adultas e saibam o que devem ser e fazer sem precisar de orientação ou acompanhamento. Este pressuposto idealmente falando é interessante, mas a realidade humana é diferente. As pessoas se sentem 'abandonadas' a elas mesmas. Realidades novas decorrentes da idade, das circunstâncias, do contexto e do desenvolvimento humano fazem deparar-se diante de algo desconhecido e novo com o qual a pessoa ou os grupos não desenvolveram familiaridade nem capacidade de superarem obstá-

culos sem grande gasto de energia. Nestes casos, muitas vezes, as pessoas e os grupos ativam ansiedades, inseguranças e culpas de tal forma que paralisam ou regridem para estágios anteriores de mais tranquilidade, ou entram em sistemas compensatórios de nível físico ou psíquico. Para defender uma pseudo-autonomia e para manter gratificações pessoais e comunitárias, pode-se desenvolver teorias e práticas que acentuam a omissão. Pode-se compreender isso também como reação a uma época de excesso de controle, ativando o desejo de liberdade e autonomia.

Em vez de optar por excesso de controle ou por omissão, um bom acompanhamento avalia a conveniência ou não delas ou a melhor pedagogia segundo as pessoas e as situações do momento. O resultado do infantilismo e da omissão acaba sendo mais ou menos idêntico: uma forma imatura de ser. O infantilismo, ou controle não deixa as pessoas crescerem; a omissão permite o surgimento de situações que resultam em ansiedade e as pessoas voltam a serem crianças imaturas. Nosso propósito é ajudar as pessoas a crescerem, a integrarem sua vida e oferecê-la como dom, associados a outros numa missão humanizante. Neste caso, uma grande atenção é dada ao conteúdo e ao método, adaptado às circunstâncias e realidades pessoais e grupais.

10. Formas e técnicas de acompanhamento – estruturas e responsabilidades

Em vez de descrever muitas técnicas especializadas de acompanhamento, podemos indicar práticas e formas que já existem e outras que possam ajudar aos demais como expressão de caridade, cuidado, acolhida, solicitude, corresponsabilidade e fidelidade às promessas feitas a si, ao grupo e a Deus.

A direção espiritual e as ciências humanas desenvolveram técnicas de acompanhamento, preservando mais a tônica individual e aspectos pontuais específicos. Estas técnicas desenvolveram metodologias muito úteis que precisam ser conhecidos também pela comunidade no que se refere às dinâmicas sociais positivas e negativas de acompanhamento. Estas metodologias precisam ser mais circunstanciais do que permanentes. Caso tenham que ser permanentes é preciso considerar a possibilidade da presença de dependência, de dominação e mesmo de incapacidade profissional por parte dos especialistas.

O acompanhamento precisa privilegiar um profundo autoconhecimento a partir das contribuições das ciências humanas e do discernimento espiritual. Estes conhecimentos incluem um acesso consciente e inconsciente à história pessoal em seus fatos e conseqüentes forças, fragilidades, desejos, ideais, expectativas, visões de mundo e de Deus. Hoje fala-se deste acesso através de narrações pessoais e culturais que ajudam a dar uma identidade e compreender o conjunto de predisposições para agir. Portanto, o acompanhamento ajuda a olhar para o passado – aspecto arqueológico – para entender o presente e projetar o futuro – aspecto teleológico.

Assim considerado, o acompanhamento inclui o conjunto da vida dos indivíduos e dos grupos. O acesso ao interior é auxiliado por leituras, reflexões, experiências, meditações, prática da Leitura Orante da Palavra. A dimensão comunitária do acompanhamento se realiza em reuniões de partilha pessoal e comunitária nas quais se mantém o respeito, a autoestima, a dignidade de todos os envolvidos. Acompanhamento também de realidades novas que poderiam facilitar o crescimento ou também, estagnar as pessoas em seu processo.

Não se pode esquecer também as leituras de conhecimento da realidade e das pessoas com as quais convivemos. Acesso a outras fontes de conhecimento e de experiência requerem uma consciência de acompanhamento. Um destaque especial precisa ser dado às reuniões de partilha pessoal e grupal, os profundos vínculos afetivos estabelecidos a partir dos ideais e das opções fundamentais cristãs e religiosas.

Podemos citar também a importância de dias e tempos de retiro, de recolhimento, tempos de capítulos provinciais e gerais como formas institucionais de acompanhamento. O projeto comunitário contempla as formas de acompanhamento tanto para os indivíduos como também para a comunidade. Cada pessoa precisa contemplar a sua primeira responsabilidade frente a si e integrá-lo na comunidade que se corresponsabiliza pela fidelidade e crescimento de todos e de cada um.

O crescimento pessoal e a maturidade transformam o acompanhamento mais em partilha alegre e generosa da experiência existencial exitosa e a experiência de união com Deus no seguimento a Jesus Cristo, fruto de contínuo discernimento.

Assim como existe uma diversidade criativa de acompanhamento para cada situação da vida da pessoa e dos grupos, igualmente há especificidade em cada etapa da vida, da formação, da cultura, do contexto histórico. A institucionalização destes processos cabe a cada pessoa, mas também à comunidade, sobretudo àqueles que receberam a delegação legítima de vigiar, de zelar, de cuidar e curar dentro da caridade e misericórdia. Faz parte desta institucionalização a Regra, o Guia de Formação dos Irmãos e o Guia de formação para a Missão. Neles se expressam formas de acompanhamento num sentido estreito e amplo do que isso significa.

11. Cultura de acompanhamento – voto de associação

Uma das compreensões do voto de associação inclui a cultura do acompanhamento. Todos somos responsáveis pelos que se associam a nós e nós a eles. Todos queremos levar adiante um projeto a nós confiado por Deus, pela Igreja, na Instituição. Todo este zelo e cuidado mútuos dá atenção especial aos mais frágeis e desprotegidos, mas sustenta a todos, mesmo aqueles que já fizeram um bom itinerário como pessoas consagradas para uma missão de Reino. Todos somos mutuamente responsáveis pela fidelidade e pela promessa de amor que cada qual

realiza e, juntos, se comprometem levar à plenitude. Por isso falamos de cultura de acompanhamento.